

Luiz Rogério Romero

Consumo de drogas e nível de atividade física
entre estudantes de ensino fundamental e
médio de cidade do interior paulista

Botucatu – SP

2006

Luiz Rogério Romero

**Consumo de drogas e nível de atividade física
entre estudantes de ensino fundamental e
médio de cidade do interior paulista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista-UNESP, para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública

Orientadora: Profa. Dra. Ivete Dalben

Botucatu – SP

2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO
DA INFORMAÇÃO
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: Selma Maria de Jesus

Romero, Luiz Rogério.

Consumo de drogas e níveis de atividade física entre estudantes de ensino fundamental e médio de cidade do interior Paulista / Luiz Rogério Romero. – 2006.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina Botucatu, Universidade Estadual Paulista, 2006.

Orientador: Ivete Dalben

Assunto CAPES: 40602001

1. Estudantes - Uso de drogas 2. Drogas - Consumo 3. Estudantes - Atividades físicas

613.0433

Palavras-chave: Atividade física; Estilo de vidas; Estudante; Fatores de risco e proteção; Gasto energético; Questionário: Uso de drogas

Dedicatória

À Danielli e Luiza, com amor.

Agradecimentos

À Prof.a Dra. Ivete Dalben, exemplo de dedicação, pela valiosa orientação, amizade e por ter contribuído imensamente para o meu amadurecimento como pesquisador.

À Prof.a Dra. Maria Cristina Pereira Lima e ao Prof. Dr. Roberto Carlos Burini pelas pertinentes contribuições como banca examinadora de qualificação.

Aos professores do curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva, pelos conhecimentos adquiridos durante as disciplinas.

Aos funcionários do departamento de Saúde Pública, pela colaboração e pronto atendimento.

À secretária da Pós-graduação em Saúde Pública Lucilene Cabral, pelas informações e auxílio nos momentos necessários.

À Prof.a Ms. Marisa Furtado Mozini, pelas contribuições no início deste trabalho.

Ao Técnico Ricardo Rall, pelo auxílio na formulação e leituras dos formulários ópticos.

À Diretora da Faculdade Orígenes Lessa Maria Inês Laranjeira, ao Coordenador Willer Maffei e aos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física: Américo, Celi, César, Denielle, Donizete, Emerson, Fernanda, Fernando, Izabel e Maria Luiza, pela relevante ajuda na aplicação dos questionários.

Aos alunos, diretores, professores e funcionários das escolas participantes deste trabalho, pelo colaboração e espaço proporcionado.

Aos Funcionários da biblioteca da UNESP do câmpus de Botucatu, pela colaboração.

À Fundunesp, pelo auxílio financeiro na impressão dos materiais.

À Capes, pela bolsa de estudos.

Aos colegas de turma, pelo convívio e troca de experiências nesses anos.

À minha esposa Danielli, pela inestimável participação, carinho, paciência e ajuda em todos os momentos. Muito obrigado.

À minha filha Luiza, pela alegria, motivação e todas as noites tranqüilas de sono, essenciais para a confecção deste trabalho.

Aos meus Pais, Luiz e Marina, pela vida e imensa dedicação aos filhos em todos os momentos. Muito obrigado.

À minha irmã, Adriana, e sobrinhas, Juliana e Amanda, pela alegria de suas presenças no dia-a-dia.

À todas as pessoas que participaram em algum momento desta caminhada.

*"Age como se a máxima
de tua ação se devesse
tornar, pela tua
vontade, em lei
universal da natureza"*

Kant

SUMÁRIO

Artigo I – Uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio de cidade do interior paulista	11
Resumo	13
Abstract	14
Introdução	15
Objetivos	17
Métodos e população de estudos	20
Resultados	25
Discussão	33
Referências	45
Artigo II - Uso de drogas e nível de atividade física entre estudantes de uma cidade do interior paulista	50
Resumo	52
Abstract	53
Introdução	54
Objetivos	57
Métodos e população de estudos	59
Resultados	61
Discussão	65
Referências	73
Anexos	80

RESUMO

OBJETIVO: Estimar a prevalência de uso de substâncias psicoativas, inclusive álcool e tabaco entre estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas de uma cidade do interior paulista, assim como, identificar e analisar fatores preditores e protetores do uso de drogas. **METODOLOGIA:** Foi realizado estudo transversal, com a aplicação de questionário estruturado, previamente testado, individual, anônimo, de auto-preenchimento e participação facultativa para alunos de escolas públicas e privadas, do ensino fundamental e médio do município. **RESULTADOS:** Participaram do estudo 1933 indivíduos, sendo 50,2% do sexo masculino. A idade média foi de $15,1 \pm 1,5$ anos. O álcool foi a droga mais consumida na vida e nos últimos trinta dias (respectivamente, 69,9% e 41,1%), seguido do tabaco (23,5% e 10,2%), maconha (7,3% e 3,8%) e solventes (7,2% e 2,9%). São apresentados valores de odds ratio para os principais fatores de risco e proteção ao uso de drogas identificados no trabalho, assim como os já ressaltados pela literatura (sexo, idade, classe econômica, religião, escolaridade – fundamental e médio, mesada, trabalho remunerado e tempo livre). **DISCUSSÃO:** Discute-se a adequação de programas de prevenção desenvolvidos na escola, no período em que os escolares se encontram ainda em momento de experimentação e fases iniciais do uso de drogas, abordando aspectos relacionados à promoção da saúde, melhoria das condições de vida, atitudes pessoais e organização social, assim como, características e necessidades regionais.

Palavras-chave: Estilo de vida, Estudante, Fatores de risco e proteção, Questionário, Uso de álcool, Uso de tabaco, Uso de drogas.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To estimate the prevalence of the use of psychoactive substances, including alcohol and tobacco, among elementary and middle-school students in public and private schools from one city in the interior of Sao Paulo state, as well as to identify and analyze factors that predict and protect from the use/abuse of drugs.

METHODOLOGY: A transversal study was accomplished with application of a structured questionnaire – previously tested, individual, anonymous, self-completed, and of facultative participation – for students of public and private schools of elementary and high school education. **RESULTS:** A total of 1933 individuals participated in the study, 50.2% male. The mean age was 15.1 ± 1.5 years. Alcohol was the drug most consumed throughout life and in the prior thirty days (respectively, 69.9% and 41.1%), followed by tobacco (23.5% and 10.2%), marijuana (7.3% and 3.8%) and solvents (7.2% and 2.9%). Odds ratio values are presented as the principal protective and risk factors for drug use identified in the work, as well as those already highlighted in the literature (sex, age, economic class, religion, education level – elementary and high school, monthly allowance, remunerated work and free time). **DISCUSSION:** The adequacy of prevention programs developed in the school is discussed, for the period in which students are found still at the moment of experimentation and initial phases of drug use, dealing with aspects related to health promotion, improvement of life conditions, personal attitudes and social organization, as well as regional characteristics and necessities.

Key-words: Questionnaire, Alcohol use, Tobacco use, Drug use, Student, Factors of risk and protection, Lifestyle.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas entre adolescentes e jovens adultos tem sido amplamente evidenciado pelos meios de comunicação de massa, assim como em investigações científicas nacionais e internacionais. A disseminação desses hábitos parece acometer diversos níveis da população, sobretudo faixas etárias cada vez mais jovens.

A adolescência caracteriza-se por ser um período de mudanças intensas no aspecto físico, emocional e social, com específicos riscos à saúde. Neste momento da vida, os adolescentes experimentam comportamentos de adulto, ao passo que ainda são dependentes dos pais e família para suporte financeiro e emocional (Aberastury e Knobel, 1981; Klen e Auerbach, 2002). Nesta etapa, as exposições de risco, principalmente o uso de substâncias psicoativas podem aumentar a incidência de diversos eventos negativos.

Destarte, o uso de drogas licitamente comercializadas, como álcool e tabaco, referidas como as mais consumidas, atingiram proporções alarmantes. Galduróz et al. (2000) em estudo sobre uso de drogas psicotrópicas nas 24 maiores cidades do Estado de São Paulo, encontraram o consumo de álcool na vida em 53,2% das respostas. Valores elevados referentes ao uso de álcool também foram encontrados por Baus et al. (2002) entre alunos do ensino fundamental e médio na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Aproximadamente 87% da população de estudo relataram consumir bebidas alcoólicas, superando a prevalência encontrada em outras capitais brasileiras.

Sobre a realidade de países desenvolvidos, aproximadamente 90% dos adolescentes americanos experimentaram álcool antes de chegar a idade adulta (Bukstein, 1998).

Gazal-Carvalho et al. (2002), ao analisar vítimas de causas externas no município de São Paulo, afirmam que a alta prevalência de alcoolemia observada reforça o fato de envolvimento de álcool nessas situações de morbimortalidade. Segundo Galduróz et al. (1997), cerca de 90% das internações hospitalares por dependências estavam relacionadas ao consumo de álcool. Além disso, a presença dessa substância foi detectada em aproximadamente 70% dos laudos cadavéricos por morte violenta.

O uso de tabaco também é freqüentemente relatado, sobretudo entre adolescentes em idade escolar. Sua distribuição alcançou valores elevados, sendo

superado apenas pelo uso do álcool. Estudos entre adolescentes demonstram a tendência de associação entre tabagismo e outros comportamentos de risco à saúde, como o consumo excessivo de álcool, uso de drogas ilícitas e atividade sexual de risco (Scivoletto et al., 1996; Chirinos et al., 2000; Horta et al., 2001; Sanchez e Nappo, 2002; Sasco et al., 2003).

Para Muza e Costa os adolescentes têm enfrentado situações de intensos acometimentos negativos e disseminação de fatores de risco à saúde, com conseqüências danosas ao seu desenvolvimento integral. A este respeito, destaca-se a suscetibilidade que norteia o adolescente e sua saúde. Cyrino e Pereira (1999), apontam para necessidade de ampliar informações e subseqüentes métodos preventivos, que visem à diminuição dos males que agride a adolescência e toda sociedade.

Desta forma, justifica-se a realização deste estudo, como sendo o primeiro levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre alunos do ensino fundamental e médio do município de Lençóis Paulista. Os resultados poderão nortear as ações dos gestores locais.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Estimar a prevalência de uso de substâncias psicoativas, inclusive álcool e tabaco entre estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas do município de Lençóis Paulista-SP.

Objetivos Específicos

- 1) Identificar o padrão de consumo de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas por esses estudantes, na vida e nos últimos 30 dias;
 - 2) Identificar e analisar fatores preditores e protetores do uso de substâncias psicoativas.
-

MÉTODOS E POPULAÇÃO DE ESTUDO

Desenho do estudo

Foi realizado estudo transversal, com aplicação de questionário estruturado, previamente testado, individual, anônimo, de auto-preenchimento e participação facultativa para alunos de escolas públicas e privadas, do ensino fundamental e médio do município de Lençóis Paulista - SP, para detectar a prevalência e os fatores de risco para o uso de substâncias psicoativas.

Local da pesquisa

A cidade de Lençóis Paulista localiza-se na região centro-oeste do estado, a 280 km da capital, São Paulo, com área de 803,86 km² e população de aproximadamente 55 mil habitantes, sendo que 3312 de indivíduos entre 15 e 17 anos de idade. (IBGE, 2000).

População de estudo

A presente pesquisa foi realizada em escolas públicas e privadas do município de Lençóis Paulista - SP, e teve como sujeitos alunos de 7^a e 8^a séries do ensino fundamental e de 1^o, 2^o e 3^o anos do ensino médio. No início do ano letivo de 2005, encontravam-se matriculados 4664 alunos nas escolas participantes do estudo.

Autorização da pesquisa

A pesquisa foi autorizada pela Diretoria de Ensino de Lençóis Paulista, Delegacia regional de Ensino do Estado de São Paulo e aprovada pela comissão de Ética Médica da Faculdade de Medicina de Botucatu.

Instrumentos

Foi aplicado questionário estruturado e específico, elaborado e utilizado no primeiro levantamento do uso de álcool e de drogas e das condições gerais de vida dos estudantes da Unesp (Kerr-Corrêa et al., 2001).

Este questionário permite caracterizar a população de estudantes, identificar quais as substâncias mais usadas na vida e nos últimos trinta dias, o ambiente psicossocial no qual os estudantes estão inseridos, as conseqüências do

uso de drogas, a percepção e exposição a situações de risco e a influência do grupo de amigos (Anexo).

Os procedimentos de coleta de dados foram testados em estudo piloto realizado numa escola de ensino fundamental e médio da cidade de Macatuba, São Paulo.

Procedimentos de coleta de dados

O questionário foi aplicado com a participação de 10 estudantes do 3º ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade *Orígenes Lessa*, após treinamento.

Todas as salas da escola foram avaliadas simultaneamente e sem a presença do professor, no sentido de amenizar a interferência no preenchimento dos instrumentos. As aplicações dos questionários contaram com a presença de dois universitários em cada sala de aula, sendo o tempo estimado de 75 minutos. Para melhor compreensão sobre a forma de preenchimento, cada dupla de universitários explicava os procedimentos com o auxílio da lousa e de cartaz que imitava os instrumentos.

As folhas de respostas foram depositadas pelos respondentes em urnas sem identificação para garantir o anonimato e evitar a estigmatização das escolas.

Os questionários foram respondidos em folha personalizada de leitura óptica desenvolvida especificamente para este trabalho (anexo). Somente os alunos do ensino fundamental responderam no caderno de questões, os quais foram transcritos, posteriormente, para folha de leitura óptica pelos pesquisadores e auxiliares treinados.

A coleta de dados aconteceu nos meses de outubro e novembro de 2005, nas datas estipuladas pela direção das escolas. Não participaram do estudo as classes que se encontravam em atividades extra-muros da escola no momento da aplicação, em realização de provas, aulas que, segundo o professor responsável, não poderiam ser interrompidas, turmas em curso e/ou palestras, concentrando cerca de 9% da população de estudos. Também não participaram os alunos ausentes no dia da coleta de dados (12%) e os que se recusaram a participar (0,7%), além da evasão escolar (14,8%). Uma das quatro escolas

particulares, composta por quatro classes do ensino médio (1,9%) não disponibilizou o tempo necessário para os procedimentos de coleta de dados.

Foram excluídos do estudo os questionários que apresentaram condições inadequadas de preenchimento da ficha de leitura óptica que inviabilizaria os procedimentos de tabulação, como rasuras excessivas, desenhos, frases, rabiscos (4,4%), além dos questionários que foram devolvidos em branco (3,9%).

Classificação econômica

Para realizar a classificação econômica dos estudantes, foi utilizado o sistema de classificação da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa). O procedimento segue ao preconizado pela Associação Brasileira de Pesquisas de Mercado – ABIPEME, considerando o grau de escolaridade dos pais e acesso a bens e serviços.

Análise Estatística

Para organização e análise dos dados foi utilizado o *software SPSS*, versão 11.5.

O Teste do Qui-quadrado de Pearson foi aplicado para estabelecer diferenças entre freqüências e o teste ANOVA para diferença entre médias. Todos os testes foram bi caudais com nível de significância de 5%.

As possíveis variáveis preditoras para o uso de drogas lícitas e ilícitas foram identificadas através de regressão logística, sendo a variável independente dicotômica: *usou ou não usou*. Para tanto, uma nova variável foi criada, substâncias lícitas, agrupando-se as variáveis de uso de álcool e de tabaco. Os mesmos procedimentos foram usados para substâncias ilícitas, agrupando-se as variáveis de uso de maconha, alucinógenos, cocaína, crack, anfetaminas, ecstasy, merla, anticolinérgicos, solventes, opiáceos, tranqüilizantes e ansiolíticos, anabolizantes e outras drogas. Foram selecionados os principais fatores de risco identificados no estudo, assim como os já ressaltados pela literatura (sexo, idade, classe econômica, religião, escolaridade – fundamental e médio, mesada, trabalho remunerado, tempo livre e prática de exercícios e esportes). A codificação foi elaborada para que o *odds ratio* maior que 1 sinalize o aumento de risco e menor que 1 a sua diminuição.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta dados sociodemográficos dos estudantes participantes da pesquisa.

Participaram do estudo 1933 indivíduos, sendo 50,2% do sexo masculino e 49,1% feminino. Dos escolares, 0,7% não informaram o sexo. A idade média foi de $15,1 \pm 1,5$ anos destacando a faixa etária de 13 a 17 anos que agregou 90,7% dos alunos estudados.

Dos estudantes, 98,2% eram solteiros e 99,2% afirmaram não possuir filhos. Consideravam a religião importante ou muito importante 92,4% e 76,0% freqüentavam pelo menos 1 vez por mês, deste, 56,2% uma ou duas vezes na semana (Tabela 1).

Em relação a escolaridade do pai e da mãe: 6,4% e 7,0% não receberam educação formal, possuíam ensino superior completo 19,3% e 17,3%, respectivamente.

Dentre os estudantes, 80,8% não trabalhavam e 67,5% referiram não receber mesada, mas os pais provêm suas necessidades. A maioria foi classificada nas classes econômicas B (38,2%) e C (41,2%).

Tabela 1: Características sociodemográficas dos estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

Idade	Masculino	15,1 ± 1,5	
	Feminino	15,1 ± 1,5	
		N	%
Sexo (N = 1933)	Masculino	970	50,2
	Feminino	949	49,1
	Não responderam	14	0,7
Série (N = 1933)	7. ^a série	451	23,3
	8. ^a série	536	27,7
	1. ^o colegial	368	19,1
	2. ^o colegial	255	13,2
	3. ^o colegial	311	16,1
	Não responderam	12	0,6
Estado civil (N = 1894)	Solteiro(a)	1859	98,2
	Casado(a)	15	0,8
	Mora com companheiro(a)	11	0,6
	Separado(a)	6	0,3
	Viúvo(a)	3	0,1
Número de filhos (N = 1740)	Sem filhos	1726	99,2
	1 a 2 filhos	12	0,7
	3 ou mais	2	0,1
Prática religiosa (N = 1842)	Sem religião	131	6,9
	Não freqüenta	325	17,0
	Freqüenta menos que 1x/mês	188	9,8
	Freqüenta pelo menos 2x/mês	193	10,1
	Freqüenta 1x/semana	709	37,1
	Freqüenta 2x/semana	363	19,1
Escolaridade paterna (N = 1892)	Sem educação formal	121	6,4
	1. ^o grau incompleto	606	32,0
	1. ^o grau completo	285	15,1
	2. ^o grau incompleto	197	10,4
	2. ^o grau completo/superior incompleto	317	16,8
	Superior completo	366	19,3
Escolaridade materna (N = 1906)	Sem educação formal	134	7,0
	1. ^o grau incompleto	609	32,0
	1. ^o grau completo	304	15,9
	2. ^o grau incompleto	186	9,8
	2. ^o grau completo/superior incompleto	344	18,0
	Superior completo	329	17,3
Classificação econômica* (N = 1914)	A	145	7,6
	B	732	38,2
	C	788	41,2
	D	230	12,0
	E	19	1,0
Pratica exercícios ou esportes (N = 1832)	Sim	1223	66,8
	Não	609	33,2

(*) Critério: Classificação ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

O álcool foi a droga mais consumida na vida e nos últimos trinta dias (respectivamente, 69,9% e 41,1%), seguida do tabaco (23,5% e 10,2%), maconha (7,3% e 3,8%) e solventes (7,2% e 2,9%). O consumo de bebidas alcoólicas na vida referido entre os meninos foi de 67,3%, enquanto o apontado pelas meninas foi de 74,0% ($p < 0,05$). Em contrapartida, o grupo masculino apresentou valores superiores em relação ao uso de drogas ilícitas na vida (maconha, alucinógenos, cocaína, crack, ecstasy, merla, anticolinérgicos e anabolizantes) e nos últimos trinta dias (alucinógenos, cocaína, crack, ecstasy, merla e solventes) (Tabela 2).

Tabela 2: Prevalência de consumo de drogas lícitas e ilícitas na vida e nos últimos trinta dias, segundo sexo, entre estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista, SP

	Uso na vida				Uso nos últimos 30 dias					
	masculino %	feminino %	P	N	Total %	masculino %	feminino %	p	N	Total %
Bebida Alcoólica	66,4	73,7	0,001	1343	69,9	41,4	40,8	0,768	789	41,1
Tabaco	22,5	24,7	0,260	452	23,5	10,0	10,3	0,813	195	10,2
Maconha	9,2	5,4	0,001	140	7,3	4,5	3,0	0,068	72	3,8
Alucinógenos	3,6	2,1	0,049	55	2,8	2,1	0,8	0,026	28	1,5
Cocaína	4,1	2,0	0,007	59	3,1	3,3	1,2	0,002	43	2,2
Crack	4,9	1,8	0,000	65	3,4	3,5	1,1	0,000	44	2,3
Anfetaminas	3,3	2,8	0,565	59	3,1	2,0	1,3	0,228	31	1,6
Ecstasy	3,1	1,6	0,029	45	2,3	2,4	0,9	0,015	32	1,7
Merla	2,0	0,5	0,005	24	1,3	1,9	0,3	0,001	21	1,1
Anticolinérgico	2,2	1,1	0,054	31	1,6	2,0	0,8	0,038	27	1,4
Solventes	7,8	6,6	0,312	139	7,2	3,7	2,1	0,037	56	2,9
Opiáceos	5,1	6,5	0,165	111	5,8	2,1	1,3	0,173	32	1,7
Tranquilizantes	3,7	4,1	0,653	75	3,9	2,3	2,3	0,943	44	2,3
Anabolizantes	2,4	0,9	0,015	32	1,7	1,8	0,8	0,079	25	1,3
Outras Drogas	3,1	1,4	0,011	43	2,2	3,2	1,5	0,013	45	2,3

Teste Qui – quadrado de *Person*

Para análise de possíveis fatores preditores e de proteção ao consumo de drogas durante a vida, foi realizado teste de regressão logística. Os valores foram expressos em *odds ratio* (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC). Em relação ao uso de drogas lícitas, ou seja, álcool e tabaco, durante a vida, apresentaram valores preditivos, o aumento da idade (OR 1,3; IC 1,2 – 1,4), sexo feminino (OR 1,6; IC 1,2 – 1,0), avanço nas séries (OR 1,3; IC 1,2 – 1,5), ascensão na classe econômica (OR 1,5; IC 1,3 – 1,8) e acreditar, mas não freqüentar religião (OR 1,7; IC 1,0 – 2,9). No domínio preventivo, adolescentes com mesada suficiente (OR 0,6; 0,4 - 0,8) e os que recebem e sobra para o lazer (OR 0,6; IC 0,3 - 0,9) apresentaram valores significativos (Tabela 3).

Tabela 3: Possíveis fatores preditores para uso de drogas lícitas na vida entre estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

		B	Wald	Odds ratio	Intervalo de confiança	
Idade		0,3	41,1	1,3	1,2	1,4
Sexo	Masculino			1,0		
	Feminino	0,4	14,1	1,6	1,2	2,0
Série		0,3	49,8	1,3	1,2	1,5
Classe econômica		0,4	37,0	1,5	1,3	1,8
Mesada	Pais provêm necessidades		18,8	1,0		
	Não é suficiente	0,0	0,0	1,0	0,6	1,5
	Completa com outras fontes	0,2	0,6	1,2	0,7	2,0
	Suficiente	-0,6	10,8	0,6	0,4	0,8
	Não sobra para lazer	0,4	1,3	1,5	0,7	3,0
	Sobra para o lazer	-0,6	6,0	0,6	0,3	0,9
Religião	Não acredita		7,6	1,0		
	Acredita, mas não freqüenta	0,5	4,5	1,7	1,0	2,9
	Freqüenta	0,1	0,3	1,1	0,7	1,7
Fim de semana	Nenhuma hora livre		18,1	1,0		
	Algumas horas	-0,1	0,4	0,9	0,6	1,3
	Todo tempo	0,4	2,8	1,5	0,9	2,4

Regressão Logística

Apresentaram relação preditiva positiva sobre o uso de drogas ilícitas na vida a idade (OR 1,3; IC 1,2 – 1,4) e a ascensão na classe econômica (OR 1,3; IC 1,1 – 1,5). Por outro lado, freqüentar religião (OR 0,5; IC 0,3 - 0,8) e ter algumas horas livres nos finais de semana (OR 0,6; IC 0,4 - 0,9) expressaram valores significativos de proteção ao uso de drogas ilícitas na vida (Tabela 4).

Tabela 4: Possíveis fatores preditores para uso de drogas ilícitas na vida entre estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

		B	Wald	Odds ratio	Intervalo de confiança	
Idade		0,2	28,4	1,3	1,2	1,4
Classe econômica		0,2	8,5	1,3	1,1	1,5
Religião	Não acredita		14,9	1,0		
	Acredita, mas não freqüenta	-0,2	0,7	0,8	0,5	1,4
	Freqüenta	-0,7	8,6	0,5	0,3	0,8
Fim de semana	Nenhuma hora livre		5,3	1,0		
	Algumas horas	-0,5	5,1	0,6	0,4	0,9
	Todo tempo	-0,4	2,6	0,7	0,4	1,1

Regressão Logística

Ao analisar o uso de drogas lícitas nos últimos trinta dias, as variáveis idade (OR 1,3; IC 1,2 - 1,4) e ascensão na classe econômica (OR 1,5; IC 1,3 - 1,7) apresentaram valores preditores a esta prática. Em relação aos indivíduos que recebem mesadas com valor suficiente (OR 0,6; IC 0,4 - 0,9) e os que freqüentam religião (OR 0,5; IC 0,4 - 0,8) as características foram de proteção (Tabela 5).

Tabela 5: Possíveis fatores preditores para uso de drogas lícitas nos últimos trinta dias entre estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

		B	Wald	Odds ratio	Intervalo de confiança	
Idade		0,2	51,1	1,3	1,2	1,4
Classe econômica		0,4	37,0	1,5	1,3	1,7
Mesada	Pais provêm necessidades		9,8	1,0		
	Não é suficiente	0,0	0,0	1,0	0,7	1,5
	Completa com outras fontes	0,0	0,0	1,0	0,7	1,6
	Suficiente	-0,5	8,1	0,6	0,4	0,9
	Não sobra para lazer	0,1	0,0	1,1	0,6	1,9
	Sobra para o lazer	0,2	0,7	1,2	0,8	1,9
Religião	Não acredita		24,1	1,0		
	Acredita, mas não freqüenta	0,0	0,0	1,0	0,6	1,6
	Freqüenta	-0,6	7,9	0,5	0,4	0,8
Fim de semana	Nenhuma hora livre		4,8	1,0		
	Algumas horas	-0,1	0,1	0,9	0,6	1,4
	Todo tempo	0,2	0,6	1,2	0,8	1,8

Regressão Logística

A idade (OR 1,2; IC 1,0 – 1,3), a exemplo de análises anteriores, também representou relação preditiva ao uso de drogas ilícitas nos últimos trinta dias. Outra variável com relação preditora foi encontrada entre adolescentes que recebem mesada e sobra para o lazer (OR 2,7; IC 1,4 – 5,0). Já a variável freqüentar religião (OR 0,5; IC 0,2 - 0,9), assim como ter algumas horas livres no fim de semana (OR 0,5; IC 0,2 - 0,8) e todo o tempo livre (OR 0,5; IC 0,2 – 0,9), ressaltaram-se como fatores de proteção ao uso de drogas ilícitas nos últimos trinta dias (Tabela 6).

Tabela 6: Possíveis fatores preditores para uso de drogas ilícitas nos últimos trinta dias entre estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

		B	Wald	Odds ratio	Intervalo de confiança	
Idade		0,15	5,4	1,2	1,0	1,3
Mesada	Pais provêm necessidades		12,0	1,0		
	Não é suficiente	0,10	0,1	1,1	0,5	2,5
	Completa com outras fontes	0,4	1,4	1,6	0,7	3,3
	Suficiente	-0,3	0,6	0,7	0,3	1,6
	Não sobra para lazer	0,4	0,5	1,5	0,5	4,3
	Sobra para o lazer	0,9	9,5	2,7	1,4	5,0
Religião	Não acredita		6,2	1,0		
	Acredita, mas não freqüenta	-0,5	2,0	0,6	0,3	1,2
	Freqüenta	-0,8	5,9	0,5	0,2	0,9
Fim de semana	Nenhuma hora livre		6,6	1,0		
	Algumas horas	-0,8	6,4	0,5	0,2	0,8
	Todo tempo	-0,7	5,0	0,5	0,2	0,9

Regressão Logística

DISCUSSÃO

Para análise dos presentes dados, torna-se necessário considerar as seguintes limitações metodológicas. A coleta dos dados pode ter encontrado barreiras por se tratar de comportamento de caráter sigiloso e às vezes ilícito. No entanto, dados provenientes de questionários anônimos têm sido empregado em vários estudos com o mesmo propósito, além de subsidiar grande parte do conhecimento sobre esta prática entre escolares e universitários, e também de respectivos programas de prevenção (Souza e Martins et al., 1998; Tavares et al., 2001). Outro fato considerado foi o número de indivíduos ausentes e evadidos no momento de coleta de dados o que poderia subestimar a prevalência encontrada, pois estudos anteriores apontam para maior uso de drogas entre crianças e adolescentes que faltam às aulas, assim como indivíduos que não freqüentam mais a escola (Souza e Martins et al., 1998; Carlini-Cotrim et al., 2000; Silva, Leonardo et al., 2006). Desse modo, estes achados não representam todas as crianças e adolescentes da cidade, limitando-se apenas aos que freqüentam a escola.

A população estudada foi de jovens em sua maioria, solteiros, sem filhos, praticantes de alguma religião, provenientes das classes econômicas B e C e com pais que cursaram até o 2.º grau incompleto. Estas características também foram encontradas em população semelhante em estudos anteriores (Mozini, 2002).

A Tabela 7 apresenta a prevalência de uso de álcool e tabaco na vida e nos últimos trinta dias, e respectiva comparação com outros estudos.

O uso de álcool foi o mais referido entre todas as drogas pelos estudantes para o uso na vida e nos últimos trinta dias. De fato, este panorama tem sido elucidado desde as primeiras investigações realizadas no país pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Galduróz et al. (2006) ao pesquisar o uso de drogas psicotrópicas entre estudantes de 1.º e 2.º graus nas 27 capitais brasileiras, atentam para a elevada prevalência de uso de álcool para esta população desde 1987. Esta tendência permaneceu evidente nas subseqüentes observações de 1989, 1993, 1997 e 2004, apresentando em todos os momentos valores acima de 65%. Atualmente, tem-se observado outros estudos apontando para a continuidade deste cenário. Silva, Elissandro et al.

(2006), em pesquisa sobre o uso de drogas entre estudantes de ensino médio da rede pública do município de São José do Rio Preto, São Paulo, destacam que 77% dos alunos participantes referiram o consumo de álcool na vida, sendo que 43,3% afirmaram ter consumido nos últimos trinta dias. Valores igualmente alarmantes têm sido observado em alunos do ensino superior. A este respeito, Silva, Leonardo et al. (2006), em investigação sobre fatores associados ao consumo de drogas entre estudantes de universidade pública da cidade de São Paulo, ressaltaram que 84,7% dos participantes consumiram álcool nos últimos doze meses. Estudos anteriores já haviam apontado para o uso de álcool entre universitários em proporções similares. Kerr-Corrêa et al. (1999) ao pesquisar o uso de álcool e outras drogas entre estudantes do curso de medicina da Unesp, relataram o uso na vida desta substância entre 84% dos universitários, destes 50% afirmaram ter consumido no último mês. Outros setores da população também têm apresentado valores preocupantes quanto ao uso de álcool. Galduróz et al. (2005), em levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas, nas 107 maiores cidades do Brasil, encontraram 68,7% da população entre 12 e 65 anos residente em cidades com mais de 200 mil habitantes, referindo o uso de álcool na vida. A prevalência encontrada na cidade de Lençóis Paulista superou os achados nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo (Galduróz et al., 2000 – 53,2% na vida) e se aproximou de outros estudos realizados no país, como em Adamantina (Mozini, 2002 - 70% na vida e 37% últimos trinta dias), Assis (Guimarães et al., 2004 - 68,9% na vida) região sudeste (Galduróz et al., 2006 – 68,7% e 47,3%) e nas 107 maiores cidades brasileiras (Galduróz et al., 2005 - 68,7% na vida). Valores superiores foram encontrados para uso na vida e nos últimos trinta dias nas cidades de Campinas (Lima, 2000 – respectivamente, 85,5% e 54,3%), São José do Rio Preto (Silva, Elissandro et al., 2006 - 77% e 43%), Pelotas (Tavares et al., 2001 - 86,8% e 62,3%), São Paulo (Silva, Leonardo et al., 2006 - 84% últimos doze meses), Florianópolis (Baus et al., 2002 – 86,8% na vida), Ribeirão Preto (Muza et al., 1997 – 88,9% e 56,4%), Botucatu (Kerr-Corrêa et al., 1999 – 84% e 50%) e Cuiabá (Souza e Martins, 1998 - 78,6% na vida).

Tabela 7: Prevalência de uso de drogas lícitas (bebida alcoólica e tabaco) segundo estudos realizados no país.

		Bebida Alcoólica	Tabaco
Romero e Dalben, 2006 (N= 1933)	Na vida	69,9	23,5
	Últimos 30 dias	41,1	10,2
Galduróz et al., 2006 ¹ (N= 9631)	Na vida	68,7	25,4
	Últimos trinta dias	47,3	10,1
Silva, Elissandro et al., 2006 ² (N= 1035)	Na vida	77,0	28,7
	Últimos 30 dias	43,3	11,1
Guimarães et al., 2004 ³ (N= 2123)	Na vida	68,9	22,7
Mozini, 2002 ⁴ (N=2578)	Na vida	70,0	27,9
	Últimos 30 dias	37,0	12,9
Baus et al., 2002 ⁵ (N= 478)	Na vida	86,8	41,8
Tavares et al., 2001 ⁶ (N= 2410)	Na vida	86,8	41,0
	Últimos 30 dias	62,3	20,7
Lima, 2000 ⁷ (N= 1328)	Na vida	85,5	47,8
	Últimos 30 dias	54,3	20,3
Souza e Martins, 1998 ⁸ (N= 1061)	Na vida	78,6	29,0
Muza et al., 1997 ⁹ (N= 1025)	Na vida	88,9	37,7
	Últimos 30 dias	56,4	15,8
Silva Leonardo et al., 2006 ¹⁰ (N= 926)	Últimos 12 meses	84,7	22,8
Kerr – Corrêa et al., 1999 ¹¹ (N= 421)	Na vida	84	33
	Últimos 30 dias	50	7
Galduróz et al., 2000 ¹² (N= 2411)	Na vida	53,2	39,0
Galduróz et al., 2005 ¹³ (N=8589)	Na vida	68,7	41,1

(1) Questionário anônimo entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública e privada da região sudeste; (2) Questionário anônimo entre estudantes de ensino médio da rede pública da cidade de São José do Rio Preto, São Paulo; (3) Questionário anônimo entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública e privada da cidade de Assis, São Paulo; (4) Questionário anônimo entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública da cidade de Adamantina, São Paulo; (5) Questionário entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública da cidade de Florianópolis, Santa Catarina; (6) Questionário anônimo entre estudantes da rede pública e privada de ensino fundamental e médio da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul; (7) Questionário anônimo entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública das Cidades de Campinas e uma escola de Jaguariúna, São Paulo; (8) Questionário entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede estadual da cidade de Cuiabá, Mato Grosso; (9) Questionário entre estudantes da 8.ª série do ensino fundamental e 1.º, 2.º, e 3.º anos do ensino médio da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo; (10) Questionário entre universitários de uma universidade de São Paulo; (11) Questionário anônimo entre Estudantes de medicina da Unesp de Botucatu; (12) Entrevista domiciliar nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo com população entre 12 e 65 anos; (13) Entrevista domiciliar nas 107 maiores cidades do país com população entre 12 e 65 anos de idade.

Do mesmo modo, o tabaco situa-se como a droga mais consumida após o álcool. O uso de tabaco na vida e nos últimos trinta dias no presente estudo se aproximou das investigações de Adamantina (27,9% e 12,9%), São José do Rio

Preto (28,7% e 11,1%), São Paulo (22,8% na vida), Assis (22,7% na vida) e região sudeste (25,4% e 10,1%). Porém, inferior aos valores apresentados em Campinas (47,8% e 20,3%), Florianópolis (41,8% na vida), Ribeirão Preto (37,7% e 15,8%), Botucatu (33% na vida), nas 107 maiores cidades brasileiras (41,1% na vida), Pelotas (41,0% e 20,7%), Cuiabá (29,0% na vida) e nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo (39,0%).

Em análise sobre a diferença entre sexo quanto ao uso de álcool e tabaco, a população feminina apresentou valores elevados similarmente a masculina no presente estudo, sendo estatisticamente superior quanto ao uso de álcool na vida. Este fato não corrobora os resultados apresentados por outros estudos. De fato, pesquisas anteriores têm mencionado maior uso de bebidas alcoólicas relacionado ao sexo masculino (Galduróz et al., 2000; Galduróz et al., 2005). Outros trabalhos, não encontraram diferença quanto ao sexo para o uso dessas substância (Tavares et al., 2001; Silva, Leonardo et al., 2006). No entanto, os presentes valores parecem corroborar os achados na região sudeste, apontando maior uso de álcool e tabaco entre estudantes do sexo feminino de maneira significativa. A este respeito, vale ressaltar que Monteiro et al. (1999), em estudo sobre o comportamento de saúde entre escolares do sexo feminino de escolas públicas do município de Bauru, localizado nas proximidades da cidade de Lençóis Paulista, apontaram o elevado consumo de drogas lícitas entre esta população, sendo que 74,4% das alunas participantes referiram consumo de álcool e 16,7% para o tabaco em pelo menos uma vez na semana.

Embora o álcool e o tabaco sejam considerados drogas lícitas, a legislação brasileira proíbe sua comercialização entre menores de 18 anos. No entanto, este fato parece não limitar o acesso a estas substâncias, em nenhum dos estudos encontrados sobre uso de drogas. Esta situação aponta para um panorama preocupante, pois o uso e abuso de álcool e tabaco estão associados a fatores de risco à saúde da população em geral. Entre crianças e adolescentes, esta prática relaciona-se a outros comportamentos de risco, sobretudo como porta de entrada para as drogas ilícitas (Muza et al., 1997). Sanchez e Nappo (2002) em investigação sobre a seqüência de drogas consumidas relatadas em grupo de usuários de crack, reforçam esta passagem pelo álcool e/ou tabaco, posteriormente a maconha e outras drogas ilícitas até o crack.

A Tabela 8 informa sobre a prevalência de uso de drogas ilícitas na vida e nos últimos trinta dias e respectiva comparação com estudos de outras populações do país.

O uso da maconha na vida e nos últimos trinta dias também apresentaram valores similares ao observado em outros estudos, como em Adamantina (6,3% e 2,8%), Assis (6,6% na vida), nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo (6,6% na vida) Ribeirão Preto (6,2% e 1,8%) e nas 107 maiores cidades do Brasil (6,9%), porém inferiores ao encontrado nas cidades de Campinas (12,8% e 4,9%), São Paulo (19,7% nos últimos doze meses), Florianópolis (19,9% na vida), Botucatu (17%), São José do Rio Preto (12,1% e 4,1%) e Pelotas (13,9% e 5,8%). Contudo, superou os valores referentes a cidade de Cuiabá (3,8% na vida). Estudos recentes têm apresentado características de maior disseminação desta substâncias nos últimos anos, superando o uso de solventes (Tavares et al., 2001).

Os solventes apresentaram para o uso na vida e nos últimos trinta dias valores superiores ao estudo de Adamantina (5,3% e 2,5%), nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo (2,7% na vida) e nas 107 maiores cidades do Brasil (5,8%). No entanto, valores mais elevados foram encontrados em Assis (10,0% na vida), Campinas (11,9% e 4,0%), São José do Rio Preto (18,1% e 3,4%), Cuiabá (14,9%), São Paulo (17,3%), Florianópolis (18,2%), Ribeirão Preto (31,1% e 18,3%), Botucatu (30% e 8%) e Pelotas (11,6% e 3,2%). Vale ressaltar que em estudo sobre o uso de inalantes entre estudantes de instituições públicas e privadas de ensino, 56,1% dos participantes referiram o uso dentro do ambiente doméstico.

Quanto ao uso de cocaína, foi encontrado valores similares a cidade de Pelotas para o uso na vida (3,2%), mas superior em relação ao uso nos últimos trinta dias (1,3%), assim como na cidade de São José do Rio Preto (3,3% na vida e 0,7% nos últimos trinta dias), Florianópolis (2,9% na vida), Ribeirão Preto (2,7% na vida) e Botucatu (3% na vida). Prevalências menores foram observadas em Adamantina (2,4% e 1,5%), Assis (1,6% na vida), nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo (2,1%), Cuiabá (1,8% na vida) e nas 107 maiores cidades do Brasil (2,3% na vida). Apenas na cidade de Campinas foi encontrado referência superior ao presente estudo para o uso na vida (5,5%), porém mais próximo quando comparado ao uso nos últimos trinta dias (1,9%).

Situação semelhante foi encontrada com relação ao uso de crack que superou o observado em todos os outros estudos que investigaram esta substância psicoativa na vida e nos últimos trinta dias (Adamantina 1,9% e 1,4%; nas 24 maiores cidades do estado de São Paulo 0,4% na vida; São Paulo 0,1% nos últimos doze meses; São José do Rio Preto 1,4% e 0,7% e; nas 107 maiores cidades do Brasil 0,4% na vida).

Entre os indivíduos estudados, o uso de cocaína e crack na vida e nos últimos trinta dias situou-se entre os mais elevados quando comparados a outras cidades (Tabela 8). A crescente popularização dessas drogas tem sido evidenciada em estudos entre escolares (Tavares, et al., 2001).

Em análise comparativa para uso de drogas ilícitas por sexo, indivíduos do sexo masculino relataram maior consumo na vida e nos últimos trinta dias de modo significativo. Estes dados confirmam tendência observada em vários estudos anteriores (Tavares et al., 2001; Guimarães et al., 2004; Silva, Elissandro et al., 2006). Em contrapartida, outras drogas usadas principalmente por mulheres, como anfetamínicos e tranqüilizantes, não apresentaram diferença significativa em relação a população masculina.

Quanto aos fatores preditores ao uso de drogas lícitas e ilícitas, na vida e nos últimos trinta dias, o aumento da idade apresentou relação preditiva positiva. Este fato tem sido observado em outros estudos entre crianças e adolescentes que apontam tendência crescente para o uso de substâncias psicoativas com o aumento da idade (Tavares et al., 2001; Mozini, 2002). Desse modo, intervenções direcionadas à prevenção, por meio de programas educacionais, devem ser inseridos antes da adolescência e dos primeiros contatos com a substância (Anderssen e Wold, 1992; Escobedo et al., 1993; Tavares et al., 2001; Naylor et al., 2001; Silva, Elissandro et al., 2006).

Do mesmo modo, classes econômicas privilegiadas apresentaram tendência de consumo de drogas lícitas na vida e nos últimos trinta dias, assim como para uso de drogas ilícitas na vida, superior ao observado entre indivíduos menos favorecidos. Esta característica preditora ao uso de substâncias psicoativas foi evidenciada em diversos trabalhos (Tavares et al., 2001; Mozini, 2002; Silva, Leonardo et al., 2006). Este consumo estaria ligado ao maior poder aquisitivo e respectiva facilidade de obtenção de substâncias psicoativas (Souza e Martins, 1998; Guimarães et al., 2004). Segundo Carlini-Cotrim et al. (2000), pertencer a

classes econômicas privilegiadas parece não ser fator de proteção ao uso de drogas. Porém, no presente estudo esta situação não se confirmou para o uso de drogas ilícitas nos últimos trinta dias.

Tabela 8: Prevalência de uso de drogas ilícitas segundo estudos realizados no país.

		Maconha	Solventes	Opiáceos	Tranquilizantes	Crack	Cocaína	Anfetaminas	Alucinógenos	Ecstasy	Anabolizantes	Anticolinérgicos	Merla	Outras Drogas
Romero e Dalben, 2006 (N= 1933)	Na vida	7,3	7,2	5,8	3,9	3,4	3,1	3,1	2,8	2,3	1,7	1,6	1,3	2,2
	Últimos 30 dias	3,8	2,9	1,7	2,3	2,3	2,2	1,6	1,5	1,7	1,3	1,4	1,1	2,3
Galduróz et al., 2006 ¹ (N= 9631)	Na vida	6,6	15,8	0,4	4,3	0,8	2,3	3,0	0,8	-	0,9	1,1	-	-
	Últimos trinta dias	3,8	9,4	-	2,7	0,7	1,3	1,6	-	-	-	0,5	-	-
Silva, Elissandro et al., 2006 ² (N= 1035)	Na vida	12,1	18,1	-	-	1,4	3,3	3,7	3,1	-	-	-	-	-
	Últimos 30 dias	4,1	3,4	-	-	0,7	0,7	1,0	1,1	-	-	-	-	-
Guimarães et al., 2004 ³ (N= 2123)	Na vida	6,6	10,0	0,4	3,8	-	1,6	2,6	0,5	-	-	1,0	-	-
Mozini, 2002 ⁴ (N=2578)	Na vida	6,3	5,3	8,2	4,3	1,9	2,4	3,7	6,8	1,8	1,8	1,7	1,0	1,6
	Últimos 30 dias	2,8	2,5	2,0	2,1	1,4	1,5	1,8	1,5	1,5	1,3	1,4	1,0	1,6
Baus et al., 2002 ⁵ (N= 478)	Na vida	19,9	18,2	-	5,6	-	2,9	8,4	2,7	-	-	-	-	-
Tavares et al., 2001 ⁶ (N= 2410)	Na vida	13,9	11,6	-	8,0	-	3,2	4,3	-	-	-	0,9	-	-
	Últimos 30 dias	5,8	3,2	-	2,8	-	1,3	1,9	-	-	-	0,1	-	-
Lima, 2000 ⁷ (N= 1328)	Na vida	12,8	11,9	-	9,3	-	5,5	-	-	-	-	-	-	-
	Últimos 30 dias	4,9	4,0	-	3,1	-	1,9	-	-	-	-	-	-	-
Souza e Martins, 1998 ⁸ (N= 1061)	Na vida	3,8	14,9	0,6	6,0	-	1,8	4,8	0,9	-	-	0,6	-	-
Muza et al., 1997 ⁹ (N= 1025)	Na vida	6,2	31,1	0,3	-	-	2,7	-	1,6	-	-	-	-	-
	Últimos 30 dias	1,8	18,3	0,1	-	-	1,0	-	0,3	-	-	-	-	-
Silva, Leonardo et al., 2006 ¹⁰ (N= 926)	Últimos 12 meses	19,7	17,3	0,6	3,2	0,1	1,9	6,8	5,2	1,3	0,5	0,2	-	-
Kerr – Corrêa et al., 1999 ¹¹ (N= 421)	Na vida	17	30	-	14	-	3	6	-	-	-	-	-	-
	Últimos 30 dias	6	8	-	3	-	0,5	1	-	-	-	-	-	-
Galduróz et al., 2000 ¹² (N= 2411)	Na vida	6,6	2,7	0,5	0,9	0,4	2,1	1,2	0,7	-	0,6	0,5	-	-
Galduróz et al., 2005 ¹³ (N=8589)	Na vida	6,9	5,8	1,4	3,3	0,4	2,3	1,5	0,6	-	0,3	1,1	0,2	-

Dentre as possíveis variáveis de proteção, receber mesada com valor suficiente foi associado ao menor uso de drogas lícitas na vida e nos últimos trinta dias em comparação aos adolescentes que têm suas despesas providas pelos

pais. No entanto, esta relação não foi observada para as drogas ilícitas. Já indivíduos que referiram receber mesada com sobra para o lazer, apresentaram menor uso de drogas lícitas na vida, porém 2,7 mais chances de uso de drogas ilícitas na vida. Embora aspectos econômicos estejam associados ao uso de drogas, a relação entre mesada e consumo de substâncias psicoativas ainda é tema controverso na literatura (Mozini, 2002). Outra dificuldade nesta relação situa-se na amplitude da categoria *não recebem mesada, porém pais provêm suas necessidades*, que pode variar desde famílias com dificuldades em oferecer algo além de suas necessidades básicas, até indivíduos que possuem livre demanda de recursos financeiros provenientes de seus pais.

A religiosidade também apresentou relação quanto ao uso de drogas entre os estudantes analisados. Indivíduos que relataram acreditar, mas não freqüentam religião demonstraram maior tendência de uso de drogas lícitas na vida em comparação aos que não acreditam. Já os estudantes que freqüentam religião demonstraram menores possibilidades de contato com drogas lícitas nos últimos trinta dias e ilícitas. Porém, esta proteção não foi evidenciada para drogas lícitas na vida. De fato, Mueller et al. (2001), ao elaborar uma revisão sobre o envolvimento religioso e aspectos relacionados à saúde, afirmam que indivíduos que se aproximam da prática religiosa tem menos chances de usar substâncias psicoativas. A relação entre uso de drogas e aspectos preventivos da religiosidade também foi evidenciada em outros estudos (Muza et al., 1997; Kerr-Corrêa et al., 1999; Mozini, 2002; Galduróz et al., 2006; Silva, Leonardo et al., 2006), apresentando-se como importante aspecto no que tange o uso de substâncias psicoativas. A freqüência e tipo de religião têm manifestado diferentes panoramas nesta relação, demonstrando a necessidade de maiores investigações a respeito (Muza et al., 1997; Silva, Leonardo et al., 2006).

Ao contrário do que se tem observado em outros estudos, o tempo livre nos dias úteis e nos fins de semana não apresentaram relação com maior uso de drogas (Muza et al., 1997). Ressalta-se ainda que indivíduos que referiram algumas horas livres no fim de semana e/ou todo o tempo livre apresentaram características preventivas quanto ao uso de drogas ilícitas. Algumas horas livres nos fins de semana apresentou relação protetora para uso de drogas ilícitas na vida e nos últimos trinta dias, enquanto estudantes com todo o tempo livre nos fins

de semana foi relacionado à proteção ao uso de drogas ilícitas apenas para os últimos trinta dias.

A prática de exercícios físicos ou esportes não apresentou relação com o uso de drogas na regressão logística. Embora a participação em atividades físicas esportivas seja freqüentemente situada entre programas de saúde (Pereira, 1995), sua contribuição, segundo os presentes dados, necessita de maiores investigações. De fato, estudos anteriores (Carvalho e Carlini-Cotrim, 1992; Galduróz et al., 2006) reforçam esses achados, pois também não foi encontrada associação entre participação em exercícios físicos e/ou esportes e menor prevalência de uso de substâncias psicoativas.

Esta situação alerta para a necessidade de maior compreensão sobre diferentes posicionamentos desses adolescentes frente ao consumo de drogas, assim como investigações considerando possíveis características regionais relacionadas ao uso dessas substâncias.

Os dados sobre prevalência de uso de drogas parece repetir-se sistematicamente, evidenciando que experimentar drogas parece ser freqüente entre indivíduos em idade escolar (Muza et al., 1997). Desse modo, organização de ações preventivas iniciadas em fases anteriores tornam-se fundamentais no sentido de amenizar o presente quadro de abuso de drogas. Neste sentido, variáveis como idade, sexo, classe econômica, religiosidade, tipo de substância, oportunidades de tempo e espaço e formas de lazer devem ser consideradas em intervenções específicas e adequadas às necessidades locais.

A compreensão e respectivo cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (lei n.º 8.069 de 13 de julho de 1990), especificamente em seu artigo 81, que proíbe, expressamente, a venda de bebida alcoólica à criança e ao adolescente ou produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica ainda que por utilização indevida (como o tabaco), parece ser fundamental para iniciar este processo de prevenção, visto que o consumo dessas drogas antecede o envolvimento com outras substâncias psicoativas (Sanchez e Nappo, 2002), além de outros prejuízos à saúde desta população. Dessa forma, a atuação de entidades do poder público responsáveis pela fiscalização devem contribuir fundamentalmente para a limitação do acesso a estas substâncias. Também, atribui-se relevância para a participação da sociedade, principalmente

pais, mas também professores, líderes comunitários e associações de bairros, no sentido de contribuir e fiscalizar a atuação de entidades e de gestores.

Ainda na esfera da prevenção, aspectos sócio-econômicos têm apresentado relevantes considerações. O presente trabalho, assim como a literatura corrente, tem apontado para maior uso de drogas entre indivíduos com maiores favorecimentos econômicos (Carlini-Cotrim et al., 2000). No entanto, outros trabalhos ressaltam elevadas prevalências de uso de drogas entre indivíduos que abandonaram a escola em detrimento da necessidade de trabalhar para o auxílio das necessidades da família (Sanchez e Nappo, 2002).

Minayo e Deslandes (1998), ao discutir a complexidade existente das relações entre drogas, álcool e violência, ressaltam que a efetividade das ações de prevenção ao abuso de drogas esta diretamente ligada a significativo investimento na qualidade da educação básica, nas melhorias das condições de vida, oferta de emprego para jovens de comunidades menos favorecidas, reforço cultural de valores que desprivilegiam o abuso de drogas, valorização do diálogo e apoio da família.

No entanto, campanhas dirigidas à diminuição do uso de drogas, muitas vezes utilizando-se de conteúdos moralistas, parecem limitar-se apenas ao âmbito pessoal. Esta abordagem simplista do problema enfatiza a decisão do indivíduo de usar ou não usar, porém, minimiza outros fatores inerentes ou até determinantes ao consumo de drogas, como aspectos sociais, familiares e afetivos.

Este cenário exhibe parte da complexidade que circunda adolescentes e o uso de drogas, assim como seus motivos e condições de vida e contem subsídios para implementar programas de ações gerais de prevenção e aumentar a efetividade dos atuais modelos.

Desse modo, parece adequado pensar em programas de prevenção desenvolvidos dentro da escola, no período em que os escolares se encontram ainda em momento de experimentação e fases iniciais do uso de drogas. Estes procedimentos poderiam atrelar-se ao planejamento pedagógico das escolas de forma transdisciplinar e interséries. Estas intervenções abordariam aspectos relacionados à promoção da saúde e melhoria das condições de vida, enfatizando a importância de atitudes pessoais e de organização social, respeitando características e necessidades regionais dos indivíduos pertencentes a estas comunidades.

REFERÊNCIAS*

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. 92 p.

ANDERSSSEN, N.; WOLD, B. Parental and peer influences on leisure-time physical activity in young adolescents. **Res. Q. Exerc. Sport.**, v. 63, n. 4, p. 341-348, 1992.

BAUS, J; KUPEK, E; PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. **Rev. Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 40-46, 2002.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no. 8.069, de 13 de julho de 1990.

BUKSTEIN, O. Summary of the practice treatment of children and adolescents with substance use disorders. **Acad. Child. Adolesc. Psychiatry**. v. 37, n. 1, p. 122-126, 1998.

CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**. v. 34, n. 6, p. 636-645, São Paulo dez. 2000.

CARVALHO, V.A.; CARLINI-COTRIM, B. Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica. **Rev. Saúde Pública**, v. 26, n. 3, p. 145-149, 1992.

CHIRINOS, J.L.; SALAZAR, V.C.; BRINDIS, C.D.A. Profile of sexually active male adolescent high school students in Lima, Peru. **Cad. Saúde Pública**, v. 16, n. 3, p. 733-746, 2000.

*ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 22p.
NACIONAL LIBRARY OF MEDICINE: **List of journals indexed Index Medicus**. Washington, 2001. 240p.

CYRINO, E.G., PEREIRA, M.L.T. Reflexões sobre uma proposta de integração saúde-escola: o projeto saúde e educação de Botucatu, São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, v. 15, suppl.2, p. s39-s44, 1999.

ESCOBEDO, L.G. et al. Sports participation, age at smoking initiation, and the risk of smoking among US high school students. **JAMA**, v. 269, n. 11, p. 1391-1395, 1993.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. **V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2006. 400 p.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. Uso de drogas psicotrópicas no Brasil: pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v. 13, especial, p. 888-95, 2005.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. **I Levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas. Parte A: estudo envolvendo as 24 maiores cidades do estado de São Paulo**. CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2000. 120 p.

GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; CARLINI, E.A. **Tendências do uso de drogas no Brasil: Síntese dos resultados obtidos sobre o uso de drogas entre estudantes do 1.º e 2.º graus em 10 capitais brasileiras (1987 – 1989 – 1993 – 1997)**. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia. Escola Paulista de Medicina, 1997. 15 p.

GAZAL-CARVALHO, C. et al. Prevalência de alcoolimia em vítimas de causas externas admitidas em centro urbano de atenção ao trauma. **Rev. Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 47-54, 2002.

GUIMARÃES, J.L. et al. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. **Rev. Saúde Pública**, v. 38, n. 1, p. 130-132, 2004.

HORTA, B.L., et al. Tabagismo em adolescentes de área urbana na região Sul do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 35, n. 2, p.159 -164, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2000**. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> Acesso em : 24 julho 2006.

KERR-CORRÊA, F. et al. **I levantamento do uso de álcool e drogas e das condições gerais de vida dos estudantes da Unesp (1998)**. São Paulo: Fundação Vunesp, 2001. 183p.

KERR-CORRÊA et al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. **Rev. Brás. Psiquiatr**, v. 21, n. 2, p. 95-100, 1999.

KLEN, J.D.; AUERBACH, M.M. Improving adolescent health outcomes. **Minerva Pediatr.**, v. 54, n. 1, p. 25-39, 2002.

LIMA, E.S. Drogas na adolescência: um estudo sobre exposição e riscos associados. 220p. **Tese** (Doutorado em Saúde Coletiva) Unicamp. Campinas. 2000.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. 1, p. 35-42, 1998.

MONTEIRO, H.L.; ROMERO, L.R.; PADOVANI, C.R. A geração do futuro: Classe social, níveis de atividade física, desempenho motor e hábitos de morbidade de escolares de segundo grau do município de Bauru-SP. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 21, n. 1, p. 826 – 831, 1999.

MOZINI, M.F. Prevalência do uso de drogas e exposição a doenças sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino fundamental e médio do município de

Adamantina – SP, 2002. 128p. **Dissertação** (Mestrado em Saúde Coletiva) Unesp. Botucatu.

MUELLER, P.S. et al. Religious involvement, spirituality, and medicine: implications for clinican practice. **Mayo Clin. Proc.**, v. 76, n. 12, p. 1225-35, 2001.

MUZA, G.M.; COSTA, M.P. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes - o olhar dos adolescentes. **Cad. Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 321-328, 2002.

MUZA et al. Consumo de substancias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I – prevalência de consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 21-9, 1997.

NAYLOR, A.H.; GARDNER, D.; ZAICHKOWSKY, L. Drug Use Patterns Among Athletes And Nonathletes. **Adolescence**, v. 36, n. 144, p.627-639, 2001.

PEREIRA, M.G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 583p.

SASCO, A.J. et al. Trends in tobacco smoking among adolescents in Lion, France. **Eur. J. Cancer**, v. 39, p. 496-504, 2003.

SANCHEZ, Z.V.M.; NAPPO, S.A. Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. **Rev. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 420-430, 2002.

SCIVOLETTO, S.; HENRIQUES Jr, S.G.; ANDRADE, A.G. A progressão do consumo de drogas entre adolescentes que procuram tratamento. **J. Bras. Psiquiatr.**, v. 45, n. 4, p. 201-207, 1996.

SILVA, E.F. et al. Prevalência de uso de drogas entre escolares do ensino médio do município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 6, p. 1151-1558, 2006.

SILVA, L.V.E.R. et al. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre universitários. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 2, p. 280-288, 2006.

SOUZA, D.P.O.; MARTINS, D.T.O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1.º e 2.º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. 2, p. 391-400, 1998.

TAVARES, B.F.; BÉRIA, J.U.; e LIMA, M.S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, v. 35, n. 2, p. 150-158, 2001.

USO DE DROGAS E NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA ENTRE ESTUDANTES DE UMA CIDADE DO INTERIOR PAULISTA

DRUG USE AND LEVEL OF PHYSICAL ACTIVITY AMONG STUDENTS OF A CITY IN THE INTERIOR OF SAO PAULO STATE

Luiz Rogério Romero¹
Ivete Dalben¹

(1) Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva - Departamento de Saúde Pública / Faculdade de Medicina de Botucatu – Universidade Estadual Paulista-UNESP / Brasil

Endereço para correspondência

Luiz Rogério Romero

Departamento de Saúde Pública/Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP

Distrito de Rubião Júnior s/n. Botucatu, SP / Brasil

CEP: 18618-970

e-mail: luizrogrom@yahoo.com.br

RESUMO

OBJETIVO: Analisar a relação entre o uso de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas e o nível de atividade física habitual, entre estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas de um município do interior paulista. **METODOLOGIA:** Utilizou-se a base de dados do I levantamento de uso de drogas e condições de vida de escolares de uma cidade do interior paulista, realizado em 2005 e questionário de estimativa de gasto energético habitual. **RESULTADOS:** A idade média foi de $15,1 \pm 1,5$ anos destacando a faixa etária de 13 a 17 anos que agregou 90,7% dos alunos estudados. Não houve diferença significativa de idade entre os sexos. A média de gasto energético habitual foi de $44,2 \pm 9,8$ kcal/kg/dia. Os meninos apresentaram valores significativamente mais elevados em relação as meninas. Indivíduos que relataram o uso de drogas na vida não apresentaram diferença significativa no nível de atividade física habitual em relação a seus pares que não usaram drogas, para a maioria das substâncias. O uso de crack na vida relacionou-se a valores significativamente superiores de gasto energético habitual. Em relação ao uso de drogas nos últimos trinta dias, os alunos que usaram cocaína apresentaram gasto energético habitual maior do que os usuários de outras drogas ($p < 0,05$). **DISCUSSÃO:** Ao contrário do que se havia pensado, o envolvimento em atividades físicas parece não contribuir diretamente com o distanciamento de comportamentos de uso de drogas. Dessa forma, ressalta-se a necessidade de melhor conhecer estas relações entre atividade física e comportamento de crianças e adolescentes em idade escolar, sobretudo em relação ao uso de drogas. Investigações específicas abordando características do envolvimento com atividades escolares e extracurriculares apresentam fundamental relevância para subsidiar futuras ações preventivas.

Palavras-chave: Atividade física, Estudante, Gasto energético, Questionário, Uso de drogas.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze the relationship between the use of alcohol, tobacco and other psychoactive substances in relation to the level of habitual physical activity, among elementary and high school students of public and private schools of a municipality in the interior of Sao Paulo state. **METHODOLOGY:** A database was utilized, in 2005, to survey the drug use and living conditions of students from a city in the interior of Sao Paulo State. **RESULTS:** The mean age was 15.1 ± 1.5 years, highlighting the 13-to-17 age group that aggregated 90.7% of the students studied. There was no significant age difference between the sexes. The mean habitual energetic expenditure was 44.2 ± 9.8 kcal/kg/day. Boys presented significantly elevated values in relation to girls. Individuals that reported drug use at some point in life did not present significant difference in the level of habitual physical activity in relation to pairs that did not use drugs, for the majority of substances. The use of crack during life was related to significantly higher values of habitual energetic expenditure. In relation to drug use within the prior thirty days, only cocaine use presented significant difference related to habitual energetic expenditure, also relating use to elevated levels of energetic expenditure. **DISCUSSION:** Contrary to what had been thought, involvement in physical activities apparently does not contribute directly to distancing from behaviors of drug use, thus highlighting the necessity for better understanding of these relationships between physical activity and the behavior of children and school-aged adolescents, above all in relation to drug use. Specific investigations addressing characteristics of involvement in school or extracurricular activities present fundamental relevance to providing future preventive actions.

Key-words: Questionnaire, Physical activity, Energetic expenditure, Drug use, Student.

INTRODUÇÃO

Pode-se observar freqüentemente inúmeras afirmações enfatizando os benefícios à saúde proporcionados pela prática de atividade física regular e vários trabalhos relacionados ao estilo de vida que incentivam a participação em atividades físicas em praticamente todos os programas de saúde (Pollock e Wilmore, 1993; Pereira, 1995; Pate et al., 1996; Vilhjalmsson e Thorlindsson, 1998; Bara Filho et al., 2000; Sallis et al., 2000; Silva e Malina, 2000; Naylor et al., 2001; Duncan et al., 2002; Muza e Costa, 2002).

De modo mais amplo, a atividade física é compreendida como comportamento complexo determinado por vários fatores relacionados aos aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais, além de influência social e ambiental (Vilhjalmsson e Thorlindsson, 1998; Sallis et al., 2000; Sallis et al., 2001; Theodorakis et al., 2002). É considerada todo movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que proporcione dispêndio de energia. O exercício físico diferencia-se por ser previamente planejado, estruturado e repetitivo, com objetivo definido (Gonçalves et al., 1997a). Já o treinamento esportivo faz uso do exercício físico para melhorar a capacidade física e o desempenho na respectiva modalidade (Robergs e Roberts, 2002).

Tem-se a percepção de que adultos que escolhem realizar exercícios físicos regularmente, também adotam outros comportamentos positivos à saúde (Anderssen e Wold, 1992; King et al., 1996; Pate et al., 1996; Vilhjalmsson e Thorlindsson, 1998; Melnick et al., 2001; Duncan et al., 2002; Klen e Auerbach, 2002; Theodorakis et al., 2002; Goldberg et al., 2003). Embora a validade desta afirmação nem sempre apresente sustentação científica, existem evidências de que indivíduos adultos fisicamente ativos tendem a fumar menos, promover alimentação saudável e manter ou melhorar sua composição corporal (Escobedo et al., 1993). Essa mesma percepção tem sido projetada em adolescentes (Naylor et al., 2001), no sentido de estabelecer que o envolvimento com atividades físicas diminuem as chances de ser afetado negativamente pelo uso de substâncias psicoativas e outros fatores de risco à saúde.

Vários estudos ressaltam que jovens fisicamente ativos também apresentam melhores hábitos de saúde (Conway e Cronan, 1992; Escobedo et al., 1993; Pate et al., 1996; Pate et al., 2000; Duncan et al., 2002).

Entretanto, outros trabalhos advertem que exercícios físicos excessivos ou compulsivos têm resultado em problemas fisiológicos e psicológicos entre algumas pessoas (Brown e Blanton, 2002; Seznec, 2002; Rosa, 2003). Além disso, os benefícios proporcionados pela prática de atividade física tem sido questionados. Alguns estudos apontam ligações entre maiores níveis de atividade física e comportamentos negativos à saúde de crianças e adolescentes (Overman e Terry, 1991; Fejgin, 1994; Davis et al., 1997; Gonçalves et al., 1997b; Page et al., 1998; Monteiro et al., 1999; Pate et al., 2000; Melnick et al., 2001; Naylor et al., 2001; Duncan et al., 2002; Peretti-Watel et al., 2002; Seznec, 2002; Ward et al., 2002).

Ward et al. (2002), estudando o uso de tabaco e níveis de atividade física entre jovens americanos, relataram número elevado de fumantes engajados em exercícios físicos regulares, não esclarecendo a razão de indivíduos interessados por atividades de promoção do bem-estar e benefícios como o exercício físico, poderiam envolver-se simultaneamente em atividades que oferece deterioração à saúde, como a prática do tabagismo.

Diante deste cenário, o presente trabalho se propõe a ampliar informações sobre características comportamentais de jovens em idade escolar e respectivos posicionamentos com relação as substâncias psicoativas e nível de atividade física, na tentativa de favorecer subseqüentes intervenções e procedimentos preventivos no âmbito da saúde coletiva.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar a relação entre o uso de substâncias psicoativas, inclusive álcool e tabaco e o nível de atividade física habitual, entre estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas do município de Lençóis Paulista-SP.

Objetivos específicos

- 1) Identificar o nível de atividade física habitual através da estimativa do gasto energético;
 - 2) Analisar as diferenças quanto ao nível de atividade física entre indivíduos que usaram e os que não usaram drogas.
-

MÉTODO E POPULAÇÃO DE ESTUDO

Para análise das variáveis envolvidas no presente estudo, utilizou-se a base de dados do I levantamento de uso de drogas e condições de vida de escolares da cidade de Lençóis Paulista, São Paulo, realizado em 2005 (artigo 1).

Instrumento e população de estudos

Para a estimativa do nível de atividade física habitual, foi utilizado instrumento recordatório, de auto-preenchimento das atividades do cotidiano, preconizado por Bouchard et al. (1983). Dessa forma, as atividades diárias foram classificadas em seqüência contendo nove categorias, de acordo com o custo energético estimado. Organizadas em ordem crescente, a categoria 1 contempla atividades de menor custo calórico, como *sono e repouso na cama* e, progressivamente segundo gasto energético, a categoria 9 reúne atividades de mais elevado gasto calórico, como *trabalho manual intenso e prática de esportes competitivos*. Os participantes do estudo foram orientados sobre os procedimentos de preenchimento e, em seguida, identificaram o tipo de atividade realizada em cada período de 15 minutos ao longo das 24 horas do dia. Foram avaliados dois dias habituais, um durante o final de semana (Domingo) e outro dia entre segunda-feira e sexta-feira. Após a obtenção das informações, foi estimado o gasto energético habitual médio (kcal/kg/dia) nas diferentes práticas de atividades físicas do cotidiano. Este instrumento foi utilizado entre adolescentes (Guedes et al., 2001; Mascarenhas, et al., 2005) e jovens adultos brasileiros (Pitanga, 2001) (Anexo).

Participaram do estudo 1933 escolares de 7.^a e 8.^a séries do ensino fundamental e do 1.^o ao 3.^o ano do ensino médio da rede pública e privada do município de Lençóis Paulista.

Análise Estatística

Para organização e análise dos dados foi utilizado o *software SPSS*, versão 11.5.

O teste ANOVA foi aplicado para análise da diferença entre médias, sendo o teste de *Tukey* utilizado ad hoc, sempre que necessário. Todos os testes foram bi caudais com nível de significância de 5%.

RESULTADOS

A idade média foi de $15,1 \pm 1,5$ anos, destacando-se a faixa etária de 13 a 17 anos que agregou 90,7% dos alunos estudados. Não houve diferença significativa entre os sexos.

Os dados de gasto energético habitual segundo sexo, escolaridade, idade, classe econômica e prática de exercícios/esportes são apresentados a seguir (Tabela 1).

A média de gasto energético habitual foi de $44,2 \pm 9,8$ kcal/kg/dia. Os meninos apresentaram valores significativamente mais elevados em relação as meninas. Os estudantes do 2.º ano do ensino médio relataram menores valores de gasto energético habitual, exceto em comparação aos alunos do 1.º ano. Quanto a idade, indivíduos de 18 anos apresentaram gasto energético superior aos alunos entre 15 e 19 anos. A classe econômica C apresentou maior gasto energético em relação a B. As demais classes econômicas não apresentaram diferença estatística. Indivíduos que praticam exercícios físicos e/ou esportes apresentaram gasto energético habitual superior ao grupo não praticante ($p < 0,05$).

Tabela 1: Média e desvio padrão de gasto energético habitual (kcal/kg/dia) de estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

		N	Média	Desvio padrão	Máximo	Mínimo
Sexo (N = 1919)	Masculino	970	46,3a	10,8	97,9	25,2
	Feminino	949	42,2b	7,8	94,9	25,7
Série (N = 1921)	7. ^a série	451	45,0a	10,2	97,9	30,2
	8. ^a série	536	44,8a	9,3	85,9	28,9
	1. ^o ensino médio	368	43,2ab	9,4	84,7	25,2
	2. ^o ensino médio	255	42,3b	8,0	74,8	25,9
	3. ^o ensino médio	311	44,7a	10,4	94,9	26,4
Idade (N = 1864)	12	10	42,8ab	6,7	55,6	31,8
	13	259	44,2ab	9,5	97,9	30,2
	14	470	44,9ab	9,4	83,8	30,6
	15	438	43,8a	9,6	85,9	28,5
	16	310	43,1a	8,6	77,9	25,2
	17	276	43,6a	9,2	81,9	25,9
	18	82	48,0b	14,0	94,9	26,4
	19	17	46,1a	11,1	78,0	33,2
	20	1	42,2	-	42,2	42,2
22	1	44,4	-	44,4	44,4	
Classe econômica (N = 1809)	A	141	43,2ab	9,6	90,2	30,7
	B	692	43,3a	8,9	85,7	25,9
	C	748	45,1b	10,4	94,9	25,2
	D	210	44,7ab	10,2	97,9	25,7
	E	18	42,7ab	10,6	79,8	33,2
Exercícios físicos e/ou esportes (N = 1738)	Sim	1170	45,0a	9,1	97,9	25,2
	Não	568	42,1b	9,9	94,9	25,9

Teste de Tukey

O uso de drogas na vida foi relatado por 71,8% dos estudantes, sendo que as meninas (75,0%) apresentaram valores estatisticamente mais elevados em comparação aos meninos (68,6%).

Sobre o uso de drogas nos últimos trinta dias, 50,3% (meninas 57,4% e meninos 43,2%) apontaram o consumo de substâncias psicoativas neste período (Tabela 2).

Tabela 2: Distribuição dos estudantes do ensino fundamental e médio, segundo uso de drogas na vida e nos últimos trinta dias, Lençóis Paulista-SP, 2005

	Uso na vida						Uso nos últimos 30 dias					
	Usou		Não usou		Total		Usou		Não usou		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	712	75,0b	237	25,0	949	100,0	404	57,4	545	42,6	949	100,0
Masculino	665	68,6a	305	31,4	970	100,0	419	43,2	551	56,8	970	100,0
Total	1377	71,8	542	28,2	1919	100,0	823	50,3	1096	49,7	1919	100,0

Teste Qui-quadrado de *Person*

Em relação ao uso de drogas na vida, não foi encontrada diferença significativa quanto ao nível de atividade física habitual em escolares que relataram usar ou não usar drogas, excetuando os usuários de crack, que apresentaram maiores níveis de gasto energético ($p < 0,05$).

A respeito do uso de drogas nos últimos trinta dias, apenas o uso de cocaína apresentou diferença significativa relacionado ao gasto energético habitual. Indivíduos que fizeram uso destacaram maior nível de atividade física habitual em relação aos sujeitos que não usaram (Tabela 3).

Tabela 3: Média e desvio padrão de gasto energético habitual (kcal/kg/dia), segundo uso de drogas na vida e nos últimos 30 dias de estudantes do ensino fundamental e médio, Lençóis Paulista-SP, 2005

	Uso na vida			Uso nos últimos 30 dias		
	usou	não usou	<i>p</i>	usou	não usou	<i>p</i>
Bebida Alcoólica	44,2 (± 9,6)	44,2 (± 9,7)	0,934	44,6 (± 9,9)	44,0 (± 9,4)	0,182
Tabaco	44,3 (± 9,9)	44,2 (± 9,5)	0,857	44,5 (± 11,2)	44,2 (± 9,4)	0,704
Maconha	44,6 (± 10,9)	44,2 (± 9,5)	0,624	45,8 (± 12,3)	44,2 (± 9,5)	0,205
Alucinógenos	44,2 (± 12,9)	44,2 (± 9,5)	0,964	45,9 (± 13,0)	44,2 (± 9,6)	0,395
Cocaína	45,6 (± 13,6)	44,2 (± 9,5)	0,301	47,8 (± 14,6)	44,1 (± 9,5)	0,028
Crack	47,6 (± 14,7)	44,1 (± 9,4)	0,011	46,0 (± 14,4)	44,2 (± 9,5)	0,295
Anfetaminas	42,8 (± 11,1)	44,3 (± 9,6)	0,275	46,4 (± 15,9)	44,2 (± 9,5)	0,241
Ecstasy	43,7 (± 14,1)	44,2 (± 9,5)	0,759	45,2 (± 14,9)	44,2 (± 9,5)	0,597
Merla	42,8 (± 12,8)	44,2 (± 9,6)	0,510	48,0 (± 18,0)	44,2 (± 9,5)	0,105
Anticolinérgicos	45,8 (± 15,6)	44,2 (± 9,5)	0,431	45,8 (± 15,1)	44,2 (± 9,5)	0,430
Solventes	44,7 (± 11,5)	44,2 (± 9,5)	0,593	45,2 (± 12,3)	44,2 (± 9,5)	0,485
Opiáceos	44,4 (± 10,6)	44,2 (± 9,6)	0,856	45,2 (± 14,5)	44,2 (± 9,5)	0,599
Tranqüilizantes	46,3 (± 14,3)	44,1 (± 9,4)	0,082	43,8 (± 12,8)	44,2 (± 9,6)	0,803
Anabolizantes	45,8 (± 14,6)	44,2 (± 9,5)	0,386	45,7 (± 16,8)	44,2 (± 9,5)	0,483
Outras Drogas	48,0 (± 15,3)	44,1 (± 9,5)	0,017	46,6 (± 14,5)	44,2 (± 9,5)	0,128

ANOVA: Diferença significativa: $p < 0,05$

DISCUSSÃO

O presente trabalho apresenta algumas limitações. Trata-se de estudo transversal, portanto, a relação de causalidade não pode ser evidenciada.

Quanto a avaliação da prática de atividade física habitual, a literatura ainda não apresenta instrumento considerado *padrão-ouro* para este tipo de investigação, sendo encontradas diversas abordagens e entendimentos sobre esta variável. Soma-se a este fato, a dificuldade na comparação de resultados obtidos através de instrumentos não padronizados.

Sobre o instrumento utilizado, deve-se entender que sua aplicação oferece estimativa de gasto energético habitual, considerando o relato de realização de atividades diárias e não a observação direta dos indivíduos. Desta forma, o estudo englobou nestes relatos de atividades diárias todos os movimentos que potencialmente elevariam o gasto energético acima dos níveis de repouso, como atividades ocupacionais, intelectuais, cotidianas, lazer e treinamento esportivo, considerando a diferenciação dos conceitos entre estas atividades (Gonçalves et al., 1997a). Na literatura, observou-se o uso de três a quatro dias da semana para a estimativa da média de gasto energético habitual (Guedes et al., 2001; Mascarenhas et al., 2005). No entanto, em virtude da escassez de recursos financeiros e a elevação do tempo gasto para o preenchimento deste instrumento, não foi possível investigar as atividades realizadas em mais do que dois dias habituais.

Em relação ao gasto energético habitual, os achados deste estudo corroboram os da literatura - a população masculina apresentou consumo em média 4,1 kcal/kg/dia superiores a feminina. De fato, estudos anteriores têm evidenciado esta diferença de comportamento entre sexos (Pate et al., 1996; Gonçalves, et al., 1997b; Page et al., 1998; Pratt et al., 1999; Pate et al., 2000; Guedes et al., 2001; Irving et al., 2003).

Guedes et al., 2001, em estudo realizado na cidade de Londrina, Paraná, investigaram 281 escolares entre 15 e 18 anos de ambos os sexos em relação a demanda energética habitual (kcal/kg/dia). Para tanto, foi utilizado o mesmo instrumento retrospectivo das atividades diárias. A população masculina (37,70 kcal/kg/dia) apresentou gasto energético habitual significativamente superior em relação ao grupo feminino (36,63 kcal/kg/dia).

Mascarenhas et al. (2005), em pesquisa sobre a relação entre índices de atividade física e preditores de adiposidade em população de adolescentes da rede de ensino municipal da cidade de Curitiba, Paraná, avaliaram 111 indivíduos de ambos os sexos. Para tanto, utilizaram, entre outros, o mesmo instrumento para estimativa de gasto energético habitual. Ressaltam em seus achados valores estatisticamente mais elevados em favor dos meninos ($41,66 \pm 4,24$ kcal/kg/dia) quando comparados as meninas ($39,57 \pm 3,38$ kcal/kg/dia).

Foi observada variação reduzida quanto ao gasto energético habitual em relação a idade, série e classe econômica. Este fato se aproxima dos resultados de Guedes, et al. (2001), que também não encontraram diferença significativa de gasto energético habitual para a idade e classe socioeconômica familiar.

Já os escolares que praticam exercícios/esportes apresentaram valores significativamente mais elevados de gasto energético habitual em comparação aos não praticantes (Tabela 1).

A prevalência do uso de drogas, incluindo álcool e tabaco, assemelhou-se ao observado entre outras populações de estudantes (Tabela 2). De fato, o consumo de substâncias psicoativas entre crianças e adolescentes em idade escolar tem sido evidenciado em diversos estudos (Escobedo, et al., 1993; Tavares et al., 2001; Galduróz et al., 2006).

Para a maioria das substâncias psicoativas, não foi observada diferença significativa em relação ao uso da drogas e gasto energético habitual. As diferenças, quando presentes (uso de crack na vida e cocaína nos últimos trinta dias) apontaram para maior consumo entre indivíduos com nível alto de atividade física habitual. Estes dados apresentam-se na contramão da literatura que tem grifado os efeitos protetores do envolvimento com atividades físicas regulares. Em estudo sobre a participação em atividades esportivas e comportamento de risco à saúde entre 12 272 estudantes americanos, foi observado que escolares masculino e femininos que referiram participação em atividades esportivas apresentaram menor probabilidade de envolvimento com o uso de tabaco e drogas ilícitas em comparação aos indivíduos não participantes (Page et al., 1998).

Em pesquisa sobre o consumo de álcool, gasto energético habitual e fatores sócio-demográficos entre estudantes de escolas públicas e privadas de uma cidade da Espanha, foram investigados 445 estudantes entre 14 e 18 anos,

aleatoriamente selecionados. O estudo aponta para a relação negativa entre o aumento do gasto energético e o consumo de bebidas alcoólicas. Ressalta ainda que o incentivo a prática de atividade física deve ser considerada nos programas preventivos oferecidos a população escolar (Tur et al., 2003). Em estudo de revisão sobre programas de promoção à saúde entre jovens espanhóis publicados entre os anos de 1995 e 2000, a prevenção ao consumo de drogas ilícitas (29,8%) e o uso de álcool (15,9%) foram os temas de maior concentração, ao passo que programas de incentivo a prática de atividade física foi abordada em apenas 2% (García et al., 2001).

Outro estudo, ao investigar a questão do uso de álcool entre estudantes universitários, ressalta que embora a sociedade relacione menor uso de álcool entre indivíduos fisicamente ativos, várias pesquisas têm documentado elevado consumo desta substância, e respectivos problemas associados, entre indivíduos que apresentam níveis altos de atividade física (Martens et al., 2005).

Ao contrário do que se tem suposto, o envolvimento em atividades físicas parece nem sempre contribuir com o distanciamento do uso de drogas. Esta situação já foi evidenciada por outros autores. Peretti-Watel et al. (2002) afirmam que, embora o esporte seja freqüentemente associado a valores positivos referentes à saúde, integração social e bem-estar, não se pode ainda relacioná-lo ao não consumo de drogas.

A população fisicamente ativa situa-se como modelo de elevado nível de saúde, no entanto, este estereótipo freqüentemente não condiz com a realidade. A visão de que a participação em atividades esportivas, por si, poderia proporcionar estrutura ao adolescente, no sentido de amenizar o uso de substâncias psicoativas tem sido mudada por trabalhos recentes que apontam o abuso de drogas e álcool entre a população mais ativa. Numa visão alternativa, considera-se que o esporte e o comportamento de seus praticantes, simplesmente, reflete o padrão comportamental da sociedade (Overman e Terry, 1991; Melnick et al., 2001).

Goldberg et al. (2003), apontam que estudantes atletas não estão protegidos de comportamentos negativos à saúde e, geralmente, tem usado drogas ilícitas em elevadas taxas, similares aos grupos não-atletas. Destacam ainda, a necessidade de prevenção do uso de drogas entre atletas, devido a seu elevado *status* social em grupos de amigos, colocando-os como possíveis

promotores de influência no comportamento de outros adolescentes. A prática esportiva não previne por si o uso de substâncias psicoativas, sendo atualmente questionado seu efeito protetor.

Silva et al. (2006), ao analisar os fatores associados ao uso de álcool e drogas entre 926 universitários da cidade de São Paulo, encontraram maior frequência de prática de atividades esportivas entre os usuários de drogas ilícitas (18,8%) em comparação aos indivíduos que não usaram (12,1%). Destacam ainda que, 21,5% dos usuários de álcool, 20,8% dos que usaram tabaco e 22,3% que usaram drogas ilícitas freqüentavam associações esportivas, contra 12,9%, 20,0% e 19,4% respectivamente, de não usuários.

Dessa forma, a ressalta-se a necessidade investigações de diferentes desenhos para maiores elucidacões sobre esta relação (Page et al., 1998) e, principalmente, considerar características específicas de envolvimento com a atividade física, como práticas de lazer e tempo livre, aulas de Educação Física e atividades escolares, trabalho doméstico e remunerado, assim como o nível de intensidade e organização de treinamento esportivo de competição.

Porém, o estilo de vida que propicia alto nível de atividade física habitual, parece não estar ligado apenas a livre opção do indivíduo, mas sim, influenciado decisivamente por determinantes sociais. A esse respeito, estudos afirmam que as classes sociais privilegiadas apresentam maiores níveis de participação em exercícios físicos (Bergström e Persson, 1996; Pate et al., 1996; Gonçalves et al., 1997b; Romero et al., 1998; Vilhjalmsson e Thorlindsson, 1998; Vuori, 1998; Monteiro et al., 1999; Pate et al., 2000; Sallis et al., 2000; Duncan et al., 2002). Ao apontar possíveis contribuições do envolvimento com a atividade física na prevenção do uso de tabaco, Escobedo et al. (1993), destaca a participação de outras variáveis determinantes do comportamento de saúde desta população, como falta de estrutura familiar e baixa condição social. Outros estudos ressaltam que adolescentes tabagistas estão relacionados aos comportamentos de insegurança e isolamento social (Melnick et al., 2001).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - lei n.º 9.394 de dezembro de 1996), compreende a disciplina Educação Física como componente curricular obrigatório da educação básica, integrada a proposta pedagógica da escola, que garante o oferecimento de conhecimentos e atividades práticas aos indivíduos da comunidade escolar, excetuando a população matriculada nos

cursos noturnos, visto que tais atividades são mencionadas em caráter facultativo (Brasil, 1996).

Desse modo, a Educação Física Escolar pode atuar de forma relevante no nível individual e familiar, considerando as variáveis envolvidas no processo, propondo atividades verdadeiramente coerentes com as necessidades da população atendida, no aspecto das práticas referentes ao desenvolvimento da aptidão física relacionada à saúde e orientações sobre a relação de procedimentos comportamentais, como prática de atividade física regular, alimentação, tabagismo, etilismo e demais situações que possam relacionar-se à saúde (Yong e Steinhardt, 1995; Guedes, 1999).

Neste sentido, apenas ocupar o tempo do jovem parece não reduzir diretamente o uso de drogas. Em estudo sobre atividades extracurriculares e uso de drogas em quinze capitais brasileiras entre 16 117 estudantes de primeiro e segundo grau, a participação em atividades esportivas, trabalhos voluntários e ocupação do tempo livre não foram associadas a proteção do uso de drogas (Carvalho e Carlini-Cotrim, 1992). Soldera et al. (2004), ao estudar os fatores sociais associados ao uso de drogas entre estudantes, relacionaram como fatores facilitadores do uso pesado de drogas lícitas e ilícitas, os indivíduos com maior disponibilidade financeira, seja pelo nível socioeconômico ou pelo trabalho, ensino noturno e um possível desfavorecimento do ambiente familiar. De fato, a simples ocupação do tempo livre desses adolescentes não tem apresentado evidências científicas na esfera preventiva, ressaltando muitas vezes, ao contrário do que se veicula em sociedade, maior consumo entre indivíduos com menores disponibilidades de tempo livre. Noto e Galduróz (1999), referindo-se aos programas de prevenção ao uso de drogas psicotrópicas no Brasil, ressaltam que a utilização de atividades alternativas na atenção primária no sentido de ocupar o tempo livre de escolares, com atividades esportivas e culturais, ainda não apresentam avaliação científica adequada quanto a efetividade.

Estes achados reforçam evidências encontradas na literatura nacional e internacional sobre a ocupação do tempo livre e envolvimento com atividades físicas como estratégia de prevenção ao uso de drogas (Overman e Terry, 1991; Fejgin, 1994; Davis et al., 1997; Gonçalves et al., 1997a; Page et al., 1998; Monteiro et al., 1999; Pate et al., 2000; Melnick et al., 2001; Naylor et al., 2001; Duncan et al., 2002; Peretti-Watel et al., 2002; Seznec, 2002; Ward et al., 2002;

Laure et al., 2004; Galduróz et al., 2006). Este posicionamento apresenta maior aproximação de aspectos produtivistas do que necessariamente efetividade preventiva (Carvalho e Carlini-Cotrim, 1992).

Para Schenker e Minayo (2005), ao realizarem estudos sobre fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência, apontam para a interdependência entre os contextos individual, familiar, escolar, grupo de pares, mídia e comunidade de convivência. A esse respeito, tais relações poderiam atuar tanto de forma preventiva como também de risco ao uso de drogas. A luz desta constatação, ressalta-se que o envolvimento de crianças e jovens em atividades esportivas, culturais, voluntárias e ocupacionais não previne automaticamente a experimentação e/ou uso de drogas, mas sim, depende de complexas interações inerentes a sociedade.

Desse modo, o reducionismo que associa o uso de drogas apenas ao tempo livre de crianças e adolescentes desvia o encaminhamento de ações aos verdadeiros determinantes do complexo comportamento de experimentação e uso de drogas. Esta visão limitada, foca a atenção apenas no indivíduo e suas escolhas, desconsiderando a influência de fatores econômicos, sociais, políticos e culturais.

Na área da atividade física, inúmeros trabalhos têm apontado sua contribuição para a saúde em todas as fases da vida, do mesmo modo que a ausência desta prática no estilo de vida da modernidade tem favorecido o surgimento de respectivos agravos à saúde em faixas etárias cada vez mais jovens. Embora, no que diz respeito ao comportamento de experimentação e uso de drogas estas evidências ainda não apresentaram significativa contribuição, alguns estudos colaboram ao ressaltar que indivíduos praticantes de atividades físicas orientadas e supervisionadas apresentam menor consumo de substâncias psicoativas em comparação aos que realizavam sem respectivo acompanhamento (Peretti-Watel et al., 2002).

Dessa forma, fica evidente a necessidade de melhor conhecer a relação entre atividade física e comportamento de crianças e adolescentes em idade escolar, sobretudo em relação ao uso de drogas. Investigações específicas abordando características do envolvimento com atividades escolares e extracurriculares são de fundamental relevância, no sentido de identificar os

aspectos que se aproximam de melhores atitudes e comportamentos promotores de saúde.

REFERÊNCIAS*

ANDERSSON, N.; WOLD, B. Parental and peer influences on leisure-time physical activity in young adolescents. **Res. Q. Exerc. Sport.**, v. 63, n. 4, p. 341-348, 1992.

BARA FILHO, M.G. et al. Comparação do padrão de atividade física e peso corporal pregressos e atuais entre graduandos e mestres em Educação Física **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 21, n.2/3, p. 30-35, 2000.

BERGSTRÖM, E., PERSSON, L. A. Cardiovascular risk indications cluster in girls from of low socio – economic. **Acta Paediatr.**, v. 85, p. 1083 – 1090, 1996.

BOUCHARD, C. et al. A method to assess energy expenditure in children and adults. **Am. J. Clin. Nutr.**, v. 37, p. 461-467, 1983.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara Dos Deputados. Lei n.º 9.394 de dezembro de 1996 – que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília – DF, 20/12/1996.

BROWN, D.R.; BLANTON, C.J. Physical activity, sports participation and suicidal behavior among college students. **Med. Sci. Sports Exerc.**, v. 34, n. 7, p. 1087-1096, 2002.

CARVALHO, V.A.; CARLINI-COTRIM, B. Atividades extracurriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica. **Rev. Saúde Pública**, v. 26, n. 3, p. 145-149, 1992.

CONWAY, T.L.; CRONAN, T.A. Smoking, exercise and fitness. **Prev. Med.**, v. 21, p. 723-734, 1992.

*ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 22p.
NACIONAL LIBRARY OF MEDICINE: **List of journals indexed Index Medicus**. Washington, 2001. 240p.

DAVIS, C.T. et al. Tobacco use among high school athletes. **J. Adolesc. Health**, v. 21, p. 97-101, 1997.

DUNCAN, S.C. et al. Relations between young prosocial and antisocial activities. **J. Behav. Med.**, v. 25, n. 5, p. 425-438, 2002.

ESCOBEDO, L.G. et al., Sports participation, age at smoking initiation, and the risk of smoking among US high school students. **JAMA**, v. 269, n. 11, p. 1391-1395, 1993.

FEJGIN, N. Participation in high school competitive sports: a subversion of school mission or contribution to academic goals? **Soc. Sports J.**, v. 11, p. 211-230, 1994.

GARCÍA, M.H. et al., Revisión de los trabajos publicados sobre promoción de la salud en jóvenes españoles. **Rev. Esp. Salud Pública**, v. 75, n. 6, p. 491-504, 2001.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. **V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2006. 400 p.

GOLDBERG, L. et al. Drug testing athletes to prevent substance abuse: background and pilot study results of the SATURN (Student Athlete Testing Using Random Notification) Study. **J. Adolesc. Health**, v. 32, p. 16-25, 2003.

GONÇALVES et al. **Saúde coletiva e urgência em educação física**. Campinas. Papyrus. 1997a. 190p.

GONÇALVES, A. et al. A saúde da geração saúde: Pesquisa e ensino sobre capacidades físicas e referências a hábitos e morbidade dos calouros da

Faculdade de ciências Médicas da Unicamp. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**, v. 2, n. 4, p.41-58, 1997b.

GUEDES, D.P. et al. Níveis de práticas de atividade física habitual entre adolescentes. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 7, n. 6, p. 187-199, 2001.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física Escolar. **Rev. Motriz**, v. 5, n. 1, p. 10-14, 1999.

IRVING, H.M. et al. Trend in vigorous physical activity participation among Ontario adolescents, 1997-2001. **Can. J. Public health**, v. 94, n. 4, p. 272-274, 2003.

KING, T.K., et al. Cognitive-behaviors mediators of changing multiple behaviors: smoking and a sedentary lifestyle. **Prev. Med.**, v. 25, p. 684-691, 1996.

KLEN, J.D.; AUERBACH, M.M. Improving adolescent health outcomes. **Minerva Pediatr.**, v. 54, n. 1, p. 25-39, 2002.

LAURE, P. et al. Drugs, recreational drug use and attitudes towards doping of high school athletes. **Int. J. Sports Med.**, v. 25, p. 133-138, 2004.

MARTENS, M.P. et al. Development of the athlete drinking scale. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 19, n. 2, p. 158-164, 2005.

MASCARENHAS, L.P.G. et al. Relação entre diferentes índices de atividade física e preditores de adiposidade em adolescentes de ambos os sexos. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 11, n. 4, p. 214-218, 2005.

MELNICK, M.J. et al. Tobacco use among high school athletes and nonathletes: result of the 1997 youth risk behavior survey. **Adolescence**, v. 36, n. 144, p. 727-747, 2001.

MONTEIRO, H.L.; ROMERO, L.R.; PADOVANI, C.R. A geração do futuro: Classe social, níveis de atividade física, desempenho motor e hábitos de morbidade de

escolares de segundo grau do município de Bauru-SP. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 21, n. 1, p. 826 – 831, 1999.

MUZA, G.M.; COSTA, M.P. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes - o olhar dos adolescentes. **Cad. Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 321-328, 2002.

NAYLOR, A.H.; GARDNER, D.; ZAICHKOWSKY, L. Drug Use Patterns Among Athletes And Nonathletes. **Adolescence**, v. 36, n. 144, p.627-639, 2001.

NOTO, A.R.; GALDURÓZ, J.C. O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 4, n.1, p. 145-151, 1999.

OVERMAN, S.J.;TERRY, T. Alcohol use and attitudes: a comparison of college athletes and nonathletes. **J. Drug. Educ.**, v. 21, n. 3, p. 107-117, 1991.

PAGE R.M. et al. Is school sports participation a protective factor against adolescent health risk behaviors? **J. Health Educ.**, v. 29, n. 3, p. 186-192, 1998.

PATE, R.R. et al. Sports participation and health-related behaviors among US young. **Arch. Pediatr. Adolesc. Med.**, v. 154, n. 9, p. 904-911, 2000.

PATE, R.R. et al. Association between physical activity and other health behaviors in a representative sample of US adolescents. **Am. J. Public Health**, v. 86, n. 11, p. 1577-1581, 1996.

PEREIRA, M.G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 583p.

PERETTI-WATEL, P.; BECK, F.; LEGLEYE, S. Beyond the U-curve: the relationship between sport and alcohol, cigarette and cannabis use in adolescents. **Addiction**, v. 97, n. 6, p. 707-716, 2002.

PITANGA, F.J.G. Atividade física e lipoproteínas plasmáticas em adultos de ambos os sexos. **Rev. Bras. Ciênc Mov.**, v. 9, n. 4, p. 25-31, 2001.

POLLOCK, M. L.; WILMORE, J. H. **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação**. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Medsi, 1993, 718p.

PRATT, M. et al. Level of physical activity and inactivity in children and adults in the United States: current evidence and research issues. **Med. sci. sport. Exerc.**, v. 31, n. 11, p. s526-s533, 1999.

ROBERGS, R.A.; ROBERTS, S.O. **Princípios fundamentais da fisiologia do exercício para aptidão, desempenho e saúde**. São Paulo. Phorte. 2002, 490p.

ROMERO, L.R.; GREGO, L.G.; MONTEIRO, H.L. Ser ativo não é para quem quer, mas sim para que pode. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP. 10., 1998, Araraquara. **Anais**. Araraquara, 1998.

ROSA, D.A. et al. Dependência da prática de exercícios físicos: estudo com maratonistas brasileiros. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 9, n. 1, p. 9-14, 2003.

SALLIS, J. *et al.* The association of school environments with youth physical activity. **Am. J. Public Health**, v. 91, n. 4, p. 618-620, 2001.

SALLIS, J.F.; PROCHASKA, J.J.; TAYLOR, W.C. A review of correlates of physical activity of children and adolescents. **Med. Sci. Sports Exerc.**, v. 32, n. 5, p. 963-975, 2000.

SCHENKER, M.; MIRAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc. & saúde coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005.

SEZNEC, J.C. Toxicomanie et cyclisme professionnel. **Ann Med. Psychol.**, v. 160, p. 72-76, 2002.

SILVA, L.V.E.R. et al. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre universitários. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 2, p. 280-8, 2006.

SILVA, R.C.R.; MALINA, R.M. Nível de atividade física em adolescentes do Município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 16, n. 4, p. 1091-1097, 2000.

SOLDERA, M. et al. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, v.38, n.2, p. 277-283, 2004.

TAVARES, B.F.; BÉRIA, J.U.; LIMA, M.S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, v. 35, n. 2, p. 150-158, 2001.

THEODORAKIS, Y.; NATSIS, P.; PAPAIOANNOU, A. correlation between exercise and other health related behaviors in Greek students. **Int. J. Phys. Educ.**, v. 39, n. 2, p. 30-35, 2002.

TUR, J.A. et al. Alcohol consumption among school adolescents in Palma de Mallorca. **Alcohol & Alcoholism**, v.38, n.3, p. 143-248, 2003.

VILHJALMSSON, R.; THORLINDSSON, T. Factors related to physical activity: A study of adolescents. **Soc. Sci. Med.**, v. 47, n. 5, p. 665-675, 1998.

VUORI, I. Does physical activity enhance health?. **Pat. Educ. Couns.**, v. 33, p. S95-S103, 1998.

WARD, K.D. et al. Characteristics of highly physically active smokers in a population of young adult military recruits. **Addict. Behav.**, v. 892, p. 1-14, 2002.

YONG, D. R., STEINHARDT, M. A. The importance of physical fitness for the reduction of coronary artery disease risk factors. **Sports Med.**, v. 5, n. 19, p. 303 – 310, 1995.
